

O Milagre



Nicholas Sparks

# O Milagre

Tradução  
Elvira Serapicos

**A**  
AGIR

Título original: True Believer

© Copyright 2005, Nicholas Sparks  
Publicado originalmente por Time Warner Book Group

© Copyright 2006, Ediouro Publicações Ltda.  
Direitos cedidos para esta edição à Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Revisão: Ruy Cintra Paiva  
Capa: Marcelo da Paz  
Imagem de capa: © Mika/Corbis  
Projeto gráfico e diagramação: Osmane Garcia Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sparks, Nicholas  
O milagre / Nicholas Sparks ; tradução Elvira Serapicos — Rio de Janeiro: 2010

Título original: True believer  
ISBN 978-85-209-2482-2

1. Romance norte-americano I. Título.

CDD-813

---

Todos os direitos reservados à Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A., uma empresa do Grupo Ediouro Publicações.

Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-230  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

*Para Rhett e Valerie Little,  
pessoas maravilhosas,  
amigos maravilhosos.*



# Agradecimentos

Como sempre, tenho de agradecer à minha esposa, Cathy, por seu apoio enquanto escrevia este romance. Tudo o que consigo fazer devo a ela.

Também tenho de agradecer a meus filhos: Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah. O que posso dizer? Fui abençoado no momento em que cada um de vocês surgiu na minha vida e tenho muito orgulho de todos vocês.

Theresa Park, minha agente, merece uma grande salva de palmas por tudo o que faz por mim. Parabéns por sua nova agência — a *Park Literary Group* (para todos os aspirantes a escritor que estão por aí). Sinto orgulho por poder chamá-la de amiga.

Jamie Raab, minha editora, merece meu agradecimento, não apenas pelo modo como ela edita meus romances, mas por toda a confiança que deposita em mim. Eu não sei o que teria acontecido com minha carreira se não fosse por você, e sou muito grato por sua generosidade e atenção.

Larry Kirshbaum e Maureen Egen são amigos e colegas, e considero um privilégio trabalhar com eles. Eles são simplesmente os melhores naquilo que fazem.

Denise DiNovi também merece meu agradecimento, não apenas por causa dos filmes que fez a partir de meus romances, mas por aqueles telefonemas nas horas certas, que sempre iluminam meus dias.

Obrigado também a Howie Sanders e Dave Park, meus agentes na UTA, e também a Richard Green, na CAA.

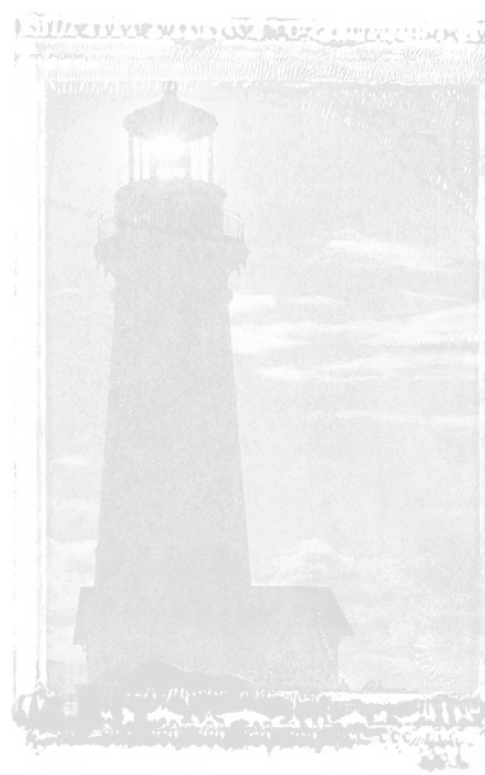
Lynn Harris e Mark Johnson, que ajudaram a transformar *The notebook* naquele filme maravilhoso, também merecem minha gratidão. Obrigado por nunca terem deixado de acreditar no romance.

Agradecimentos especiais também para Francis Greenburger. Ele sabe por quê — e eu lhe devo uma.

E, finalmente, obrigado àquelas pessoas que trabalham tanto nos bastidores e se tornaram como uma família para mim com o passar dos anos: Emi Battaglia, Edna Farley e Jennifer Romanello, no Departamento de Publicidade; Flag, que fez outro trabalho fantástico com a capa; Scott Schwimer, meu advogado; Harvey-Jane Kowal, Shannon O'Keefe, Julie Barer e Peter McGuigan. Eu tenho muita sorte por trabalhar com pessoas tão maravilhosas.



## Capítulo UM



**J**eremy Marsh sentou-se com o resto do público do estúdio ao vivo, sentindo-se estranhamente visível. Sentado no meio de apenas meia dúzia de homens presentes no auditório, naquela tarde de meados de dezembro, estava vestido de preto, é claro, e com seu cabelo escuro ondulado, olhos azul-claros e a estilosa barba por fazer, parecia exatamente o nova-iorquino que era. Enquanto estudava o convidado que ocupava o palco naquele momento, ele conseguiu observar sorrateiramente a loira atraente sentada três fileiras acima. Sua profissão freqüentemente exigia que fizesse várias coisas ao mesmo tempo. Ele era um jornalista investigativo em busca de uma história, e a loira era apenas mais uma pessoa no auditório; ainda assim, o observador profissional que havia dentro dele não poderia deixar de notar o quanto ela ficava atraente com aquele *top* frente única e *jeans*. Jornalisticamente falando, é claro.

Desviando o pensamento, ele tentou voltar sua atenção de novo para o convidado. Aquele cara era mais do que ridículo. Ofuscado pelas luzes da televisão, Jeremy tinha a impressão de que o guia espírita parecia estar com prisão de ventre, enquanto garantia ouvir vozes do além. Ele havia assumido uma intimidade falsa, agindo como se fosse o irmão ou o melhor

amigo de todo mundo, e parecia que a grande maioria do público, apavorada — inclusive a loira atraente e a mulher com quem o convidado estava falando —, considerava-o a própria dádiva dos céus. O que fazia sentido, pensou Jeremy, já que era sempre esse o destino das pessoas amadas falecidas. Os espíritos do além estavam sempre cercados por uma luz angelical brilhante e envoltos em uma aura de paz e tranqüilidade. Jeremy jamais ouvira falar de um guia espírita que se comunicasse com aquele outro lugar, mais quente. Os mortos queridos jamais diziam que estavam sendo assados num espeto ou cozidos num caldeirão de óleo, por exemplo. Mas Jeremy sabia que estava sendo cínico. E, além disso, tinha de admitir, era um ótimo espetáculo. Timothy Clausen era bom — muito melhor do que a maioria dos charlatões sobre os quais Jeremy tinha escrito ao longo dos anos.

— Eu sei que é difícil — Clausen disse no microfone —, mas Frank está lhe dizendo que está na hora de deixar que ele se vá.

A mulher para quem ele se dirigia com tanta ó-meu-Deus empatia, parecia que ia desmaiar. Cinqüentona, ela usava uma blusa verde listrada e seu cabelo vermelho encaracolado parecia crescer e encaracolar em todas as direções. Suas mãos estavam tão apertadas na altura do peito que os dedos estavam esbranquiçados por causa da pressão.

Clausen fez uma pausa e colocou a mão na testa, aproximando-se do “além”, como ele dizia. No silêncio, a multidão inclinou-se coletivamente para a frente em suas poltronas. Todos sabiam o que viria em seguida; a mulher era a terceira pessoa da platéia escolhida por Clausen. Não era de surpreender que Clausen fosse o único convidado apresentado pelo popular *talk show* naquela tarde.

— Você se lembra da carta que ele lhe mandou? — Clausen perguntou. — Antes de morrer?

A mulher sufocou um grito. A seu lado, o assistente da produção aproximou o microfone ainda mais para que todos os que estivessem assistindo à televisão pudessem ouvir claramente.

— Sim, mas como você poderia saber...? — ela gaguejou.

Clausen não deixou que ela terminasse. — Você se lembra do que dizia? — ele perguntou.

— Sim — a mulher resmungou.

Clausen acenou com a cabeça, como se ele próprio tivesse lido a carta. — Ela falava sobre perdão, não é mesmo?

No sofá, a apresentadora do programa, o *talk show* vespertino mais popular da América, cravou o olhar em Clausen e depois na mulher, e depois em Clausen de novo. Ela parecia ao mesmo tempo surpresa e satisfeita. Guias espíritas eram sempre bons para os índices de audiência.

Enquanto a mulher da platéia acenava com a cabeça, Jeremy notou que o rímel começou a escorrer por seu rosto. Rapidamente, as câmeras se aproximaram para exibir o *close*. Isso era a televisão em seu aspecto mais dramático.

— Mas como é que você poderia...? — a mulher voltou a dizer.

— Ele também estava falando a respeito de sua irmã — Clausen murmurou. — E não apenas dele.

A mulher encarou Clausen, transfigurada.

— Sua irmã Ellen — Clausen acrescentou, e com aquela revelação a mulher finalmente soltou um choro convulsivo. As lágrimas brotavam como num esguicho automático. Clausen — bronzeado e elegante em seu terno preto sem um único fio de cabelo fora do lugar — continuava a acenar com a cabeça como aqueles cachorrinhos que você prende no retrovisor do carro. A platéia olhava para a mulher em silêncio profundo.

— Frank deixou outra coisa para você, não é? Uma coisa do seu passado.

Apesar do calor provocado pelas luzes do estúdio, a mulher pareceu ter ficado realmente pálida. Em um canto do *set*, além da área mais ampla em torno do palco, Jeremy viu o produtor girando o dedo indicador como se fosse o movimento de um helicóptero. Estava chegando a hora do intervalo comercial. Clausen olhara de maneira quase imperceptível naquela direção. Ninguém, além de Jeremy, parecia ter notado, e ele sempre se perguntava por que as pessoas nunca questionavam o fato de a comunicação com o mundo dos espíritos estar em tão perfeita sincronia com os intervalos comerciais.

Clausen continuou. — Que ninguém mais poderia saber a respeito. Uma chave, certo?

Os soluços continuavam, enquanto a mulher concordava com a cabeça.

— Você nunca pensou que ele tivesse guardado, não é?

*O.k.*, esse é o gancho, Jeremy pensou. Outro verdadeiro crente a caminho.

— É do hotel em que vocês ficaram em sua lua-de-mel. Ele a deixou lá para que, quando a achasse, você se lembrasse dos tempos felizes que

passaram juntos. Ele não quer que você se lembre dele com sofrimento, porque ele a ama.

— Oooooooooohhhhhhhhhhhhhhhhhhh...! — a mulher choramingou.

Ou algo parecido. Um gemido talvez. Do lugar em que estava sentado, Jeremy não poderia dizer com certeza, porque o choro foi interrompido por aplausos súbitos e entusiasmados. De repente, o microfone foi retirado. As câmeras se afastaram. Acabado o seu momento de glória, a mulher da platéia desabou na poltrona em que estava sentada. Nesse exato momento, a apresentadora se levantou do sofá e olhou direto para a câmera.

— Lembrem-se de que isto que vocês estão assistindo é real. Nenhuma dessas pessoas jamais se encontrou com Timothy Clausen. — Ela sorriu. — Estaremos de volta com mais uma comunicação depois dos comerciais.

Mais aplausos quando o programa foi interrompido para os comerciais, e Jeremy recostou-se em sua poltrona.

Como jornalista investigativo conhecido por seu interesse pela ciência, ele havia construído uma carreira escrevendo sobre pessoas como essas. Na maior parte do tempo, gostava do que fazia e tinha orgulho de seu trabalho, como se fosse uma espécie de serviço público valioso, numa profissão tão especial que tinha seus direitos enumerados pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Em sua coluna habitual na *Scientific American*, ele havia entrevistado ganhadores do Prêmio Nobel, explicado as teorias de Stephen Hawking e de Einstein em termos acessíveis aos leigos, e uma vez teve seu mérito reconhecido por ter deflagrado um movimento na opinião pública que levou a Food and Drug Administration (FDA) a tirar do mercado um poderoso antidepressivo. Ele escrevera extensivamente a respeito da missão Cassini, a respeito do espelho defeituoso nas lentes do telescópio espacial Hubble, e fora um dos primeiros a condenar publicamente a experiência da fusão fria realizada em Utah como sendo uma fraude.

Infelizmente, apesar de toda a repercussão da sua coluna, ela não dava muito dinheiro. Era o seu trabalho como *freelancer* que pagava a maioria das contas, e, como todos os *freelancers*, ele estava sempre se movimentando para descobrir histórias que pudessem interessar aos editores de revistas e jornais. Seu segmento de atuação tinha se ampliado de forma a incluir “tudo o que fosse incomum” e, nos últimos quinze anos, ele havia pesquisado e investigado videntes, guias espíritas, médicos espirituais e

médiuns. Ele havia revelado fraudes, mistificações e embustes. Visitara casas assombradas, lançara-se na procura por criaturas místicas e envolvera-se na busca das origens de lendas urbanas. Cético por natureza, era dotado da rara capacidade de explicar conceitos científicos difíceis de uma forma que o leitor mediano conseguisse entender, e seus artigos haviam sido publicados por centenas de revistas e jornais ao redor do mundo. A desmistificação científica, para ele, era tão nobre quanto importante, mesmo que o público nem sempre gostasse. Frequentemente, depois da publicação de seus artigos como *freelancer*, seu correio eletrônico ficava repleto de palavras como “idiota”, “retardado” e a sua favorita, “puxa-saco do governo”.

O jornalismo investigativo, ele tinha aprendido, era um negócio ingrato.

Refletindo sobre isso com o semblante fechado, ele observou a platéia conversando animadamente, imaginando quem seria o próximo a ser escolhido. Jeremy lançou outro olhar furtivo na direção da loira, que examinava o batom em um espelhinho de mão.

Jeremy já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen oficialmente não faziam parte do número. Porém, como a presença de Clausen havia sido anunciada com antecedência, os ingressos para o programa haviam sido disputados furiosamente. O que significava, é claro, que a platéia estava cheia de pessoas que acreditavam na vida após a morte. Para elas, Clausen era autêntico. Como ele saberia coisas tão pessoais a respeito de estranhos, se não falasse com os espíritos? Mas como com qualquer bom mágico que tinha seu repertório muito bem decorado, a ilusão ainda era uma ilusão; e, pouco antes de começar o programa, Jeremy não só havia percebido como ele iria agir, como também havia obtido provas fotográficas para mostrar.

Desmascarar Clausen seria o maior feito de Jeremy até então, e era exatamente o que merecia o sujeito. Clausen era um trapaceiro da pior espécie. Ainda assim, o lado pragmático de Jeremy compreendia que esse era o tipo de história que raramente fazia sucesso e ele queria tirar o máximo proveito dela. Afinal, Clausen estava no auge de uma enorme celebridade; e, na América, celebridade era tudo o que importava. Apesar de saber que era uma possibilidade absolutamente improvável, ele fantasiou sobre o que aconteceria se Clausen realmente o escolhesse a seguir. Ele não esperava que isso acontecesse; ser escolhido seria o mesmo que ganhar um prêmio acumulado na loteria; mas mesmo que não acontecesse,

Jeremy sabia que tinha uma excelente história. A diferença entre excelente e excepcional, entretanto, muitas vezes dependia dos caprichos do destino, e ao terminar o intervalo comercial ele sentiu dentro dele um pequeno lampejo de injustificada esperança para que de alguma forma Clausen dirigisse sua atenção para ele.

Então, como se Deus também não estivesse muito satisfeito com o que Clausen estava fazendo, foi exatamente isso o que aconteceu.

Três semanas depois, o inverno castigava Manhattan sem compaixão. Uma frente fria vinda do Canadá tinha feito as temperaturas despencarem até quase zero, nuvens de vapor saíam das grades dos esgotos antes de pousar sobre as calçadas escorregadias. Não que alguém parecesse se importar. Os intrépidos cidadãos nova-iorquinos exibiam sua habitual indiferença a tudo o que dissesse respeito às condições meteorológicas, e as noites de sexta-feira não poderiam ser desperdiçadas de maneira alguma. As pessoas davam um duro danado durante a semana e não iriam deixar de sair uma noite, principalmente quando havia motivos para celebrar. Nate Johnson e Alvin Bernstein já estavam celebrando fazia uma hora, assim como uma dúzia de amigos e jornalistas — alguns da *Scientific American* — que tinham se reunido para homenagear Jeremy. Muitos já estavam na fase mais animada da noite e se divertiam bastante, principalmente porque os jornalistas costumam ter uma grande preocupação com o orçamento, e aquela noite era por conta de Nate.

Nate era o agente de Jeremy. Alvin, que trabalhava como *cameraman freelancer*, era o melhor amigo de Jeremy, e eles haviam se reunido naquele bar modernoso do Upper West Side para celebrar a presença de Jeremy no *Primetime Live* da rede ABS. As chamadas do *Primetime Live* tinham ido ao ar naquela semana — a maioria delas mostrando Jeremy de frente e no centro, e prometendo uma grande revelação — e pedidos para entrevistas em todos os cantos do país estavam chovendo no escritório de Nate. No início daquela tarde, a revista *People* telefonara e eles haviam marcado uma entrevista para a segunda-feira pela manhã.

Não fora possível organizar um espaço reservado para o encontro, mas ninguém parecia se importar. Com seu imenso bar de granito e uma iluminação teatral, o lugar superlotado era o próprio reino dos *yuppies*. Enquanto

os jornalistas da *Scientific American* usavam jaquetas esportivas de *tweed* com protetores de bolso e se amontoavam num canto do salão, conversando sobre fótons, a maioria dos outros clientes parecia ter vindo direto do trabalho, na Wall Street ou na Madison Avenue: paletós de ternos italianos pendurados nas costas das cadeiras, gravatas Hermès com o nó frouxo, homens que pareciam não querer fazer outra coisa além de examinar as mulheres que freqüentavam o lugar, enquanto mantinham o olho grudado no Rolex. Mulheres que trabalhavam em editoras ou agências de publicidade vestiam roupas de *griffe* e usavam saltos absurdamente altos, bebendo Martinis aromatizados, enquanto fingiam ignorar os homens. Jeremy estava de olho numa ruiva alta do outro lado do bar que, aparentemente, estava olhando em sua direção. Ele se perguntou se ela o teria reconhecido das chamadas da televisão, ou se queria companhia apenas. Ela virou o rosto, aparentemente desinteressada, mas depois olhou de novo para ele. Diante do olhar que se demorou um pouco mais desta vez, Jeremy ergueu o copo.

— Vem cá, Jeremy, presta atenção — disse Nate, cutucando-o com o cotovelo. — Você está na TV! Você não quer ver como foi?

Jeremy desviou sua atenção da ruiva. Erguendo o olhar na direção da tela, ele se viu sentado diante de Diane Sawyer. Estranho, ele pensou; era como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ainda parecia que não tinha acontecido de verdade. Nada naquelas três últimas semanas parecia ter acontecido de verdade, apesar de todos os seus anos na mídia.

Na tela, Diane o estava descrevendo como “o jornalista científico mais respeitado dos Estados Unidos”. A história não só acabara por se transformar em tudo o que ele queria, como Nate estava negociando com o *Prime-time Live* uma colaboração regular de Jeremy, com a possibilidade de matérias adicionais para o *Good Morning America*. Apesar de muitos jornalistas acharem que a televisão era um veículo menos importante do que outros, mais sérios, para reportagens, isso não impedia que a maioria deles alimentasse intimamente a idéia da televisão como o Santo Graal, o que no fundo queria dizer muito dinheiro. Apesar dos cumprimentos, havia inveja no ar, uma sensação tão estranha para Jeremy quanto uma viagem espacial. Afinal, jornalistas da sua espécie não estavam exatamente no topo da hierarquia social da mídia — até hoje.

— Ela falou que você é respeitado? — Alvin perguntou. — Você escreve a respeito do Pé Grande e da lenda de Atlantis?

— Sshhh! — Nate soprou, os olhos grudados na televisão. — Estou tentando ouvir. Pode ser importante para a carreira de Jeremy.

Como agente de Jeremy, Nate estava eternamente promovendo eventos que “poderiam ser importantes para a carreira de Jeremy”, pela simples razão de que o trabalho como *freelancer* não era assim tão lucrativo. Alguns anos antes, quando Nate estava começando, Jeremy havia aceitado a proposta para fazer um livro, e eles estavam trabalhando juntos desde então, simplesmente porque tinham se tornado amigos.

— Tudo bem — disse Alvin, ignorando a rabugice.

Enquanto isso, brilhando na tela atrás de Diane Sawyer e de Jeremy, estavam os momentos finais da *performance* de Jeremy no programa vespertino da televisão, quando Jeremy havia fingido que era um homem lamentando a morte do irmão que perdera na infância. Esse menino, segundo Clausen, estava querendo entrar em contato com Jeremy.

— Ele está comigo — Clausen estava anunciando. — Ele quer que você o deixe ir, Thad.

A imagem então mudou para mostrar a interpretação que Jeremy fazia de alguém angustiado, o rosto contorcido. Ao fundo, Clausen acenava com a cabeça, exalando compaixão ou revelando a prisão de ventre, conforme a perspectiva.

— Sua mãe nunca mexeu no quarto dele — o quarto que você dividia com ele. — Ela insistia para que fosse mantido do mesmo jeito, e você ainda tinha de dormir ali — Clausen prosseguiu.

— Sim — Jeremy soluçou.

— Mas você tinha medo de ficar lá e, de raiva, você pegou uma coisa dele, uma coisa muito pessoal, e a enterrou no quintal dos fundos.

— Sim — Jeremy conseguiu dizer de novo, como se estivesse muito emocionado para falar mais do que isso.

— O aparelho que ele usava para corrigir os dentes.

— Oooooohhhhhhhhhh! — Jeremy gemeu, cobrindo o rosto com as mãos.

— Ele o ama, mas você precisa entender que ele está em paz agora. Ele não sente raiva de você...

— Oooooohhhhhhhhhh! — Jeremy choramingou de novo, contorcendo ainda mais o rosto.

No bar, Nate observava os bacanas em concentração silenciosa. Al-

vin, ao contrário, estava gargalhando quando ergueu bem alto o seu copo de cerveja.

— Esse cara merece um Oscar! — ele gritou.

— Foi bastante impressionante, não foi? — Jeremy perguntou, com um sorriso cínico.

— Eu já avisei vocês dois... — Nate falou, sem esconder sua irritação. — Esperem para falar durante os comerciais.

— Tudo bem — Alvin disse novamente. “Tudo bem” sempre fora a expressão favorita de Alvin.

No *Primetime Live*, a fita de vídeo sumiu numa tela preta e a câmera enfocou Diane Sawyer e Jeremy sentados um de frente para o outro novamente.

— Então, nada do que o Timothy Clausen disse era verdade? — Diane perguntou.

— Nem uma palavra — disse Jeremy. — Como você já sabe, meu nome não é Thad, e embora eu realmente tenha cinco irmãos, todos estão vivos e bem.

Diane segurava uma caneta sobre um bloco de papel, como se estivesse prestes a fazer alguma anotação. — Então como é que o Clausen fazia essas coisas?

— Bem, Diane — Jeremy começou.

No bar, Alvin ergueu a sobancelha que tinha um *piercing*. Inclinando-se na direção de Jeremy, ele perguntou: — Você a chamou de Diane? Como se vocês fossem *amigos*?

— Por favor! — disse Nate, a exasperação aumentando naquele instante.

Na tela, Jeremy continuou a falar: — O que Clausen faz é simplesmente uma variação do que as pessoas têm feito há centenas de anos. Em primeiro lugar, ele é bom na leitura das pessoas, e é um especialista em fazer associações extremamente vagas mas com grande carga emocional, respondendo ao que as pessoas da platéia deixam escapar.

— Sim, mas ele foi tão específico. Não só com você, mas com os outros convidados. Ele tinha nomes. Como ele consegue?

Jeremy encolheu os ombros. — Ele me ouviu falar de meu irmão Marcus antes de começar o programa. Eu simplesmente inventei uma vida imaginária e a divulguei em alto e bom som.

— E como isso chegou aos ouvidos de Clausen?

— Trapaceiros como Clausen são conhecidos por usar uma infinidade de truques, incluindo microfones e “ouvintes” pagos que circulam pela área de espera antes do programa. Antes de me sentar, eu dei algumas voltas e conversei com muita gente da platéia, prestando atenção para ver se alguém demonstrava algum interesse especial pela minha história. E não tenha dúvida, eu me deparei com um homem especialmente interessado.

Atrás deles, a fita de vídeo foi substituída por uma foto ampliada que Jeremy havia tirado com uma pequena câmera escondida em seu relógio, um brinquedinho de espionagem de alta tecnologia que ele já havia lançado como despesa na *Scientific American*. Jeremy adorava brinquedos de alta tecnologia, tanto quanto adorava lançá-los na conta dos outros.

— O que estamos vendo aqui? — Diane perguntou.

Jeremy mostrou. — Este homem estava se misturando com as pessoas no estúdio, fazendo-se passar por um visitante de outra cidade. Eu tirei essa foto enquanto conversávamos, pouco antes de começar o programa. Por favor, alguém dê um *zoom* aqui.

Na tela, a foto foi ampliada e Jeremy fez um gesto para se aproximar dela.

— Está vendo o pequeno broche dos EUA na lapela? Isso não é apenas um enfeite. Na verdade, é um microtransmissor conectado a um gravador nos bastidores.

Diane franziu a testa. — Como você sabe disso?

— Porque — Jeremy falou, erguendo uma sobrancelha — eu por acaso tenho um igual a esse.

Dito isso, Jeremy colocou a mão no bolso do paletó e tirou dali o que parecia ser o mesmo broche dos EUA, ligado por um fio comprido como um arame a um transmissor.

— Este modelo em especial é fabricado em Israel — a voz de Jeremy podia ser ouvida ao fundo, enquanto a câmera mostrava um *close* da engenhoca — e é bastante sofisticado. Ouvi dizer que é usado pela CIA, mas, é claro, não tenho como confirmar essa informação. O que eu posso lhe dizer é que a tecnologia é bastante avançada — este pequeno microfone é capaz de captar conversas em uma sala lotada, barulhenta e, com os sistemas de filtro apropriados, também é capaz de isolá-las.

Diane examinou o broche com evidente fascinação. — E você tem certeza de que isto era realmente um microfone e não apenas um broche?

— Bem, como você sabe, eu já estava de olho em Clausen há algum tempo, e uma semana depois do programa eu consegui obter mais algumas fotos.

Uma nova fotografia apareceu na tela. Apesar de um pouco granulosa, era uma foto do mesmo homem que estava usando o broche dos EUA.

— Esta foto foi tirada na Flórida, diante do escritório de Clausen. Como você pode ver, o homem está entrando no escritório. O nome dele é Rex Moore, e ele é realmente um funcionário de Clausen. Ele trabalha para Clausen há dois anos.

— Uuuuuuhhhhh! — Alvin berrou, e o resto da transmissão, que já estava terminando, foi abafada quando os outros, invejosos ou não, se juntaram com vaias e gritos. A boca-livre tinha feito sua mágica, e Jeremy foi sufocado por cumprimentos quando o programa acabou.

— Você estava fantástico — disse Nate. Aos quarenta e três anos, baixo e ficando careca, Nate tinha o costume de usar paletós muito apertados na cintura. Mas isso não importava. O homem era a encarnação da energia e, como a maioria dos agentes, ele realmente se movimentava com intenso otimismo.

— Obrigado — disse Jeremy, tomando o que restava de sua cerveja.

— Isso vai ser muito bom para sua carreira — continuou Nate. — É sua passagem para uma apresentação permanente na televisão. Você não mais vai ter de batalhar por trabalhos ruins como *freelancer* para uma revista qualquer, não mais vai ter de procurar histórias de OVNIS. Eu sempre disse que com esse visual você foi feito para a TV.

— Você sempre disse isso — Jeremy concordou, com um virar de olhos típico de alguém que ouviu um sermão repetido muitas vezes.

— Estou falando sério. Os produtores do *Primetime Live* e do *Good Morning America* não param de telefonar, falando que poderiam aproveitar você como colaborador permanente dos programas. Você sabe, “o que essas últimas notícias científicas significam para você” e coisas do gênero. Um salto e tanto para um repórter de ciências.

— Eu sou jornalista — Jeremy disse, torcendo o nariz —, não um repórter.

— Tudo bem — disse Nate, gesticulando como se estivesse tentando se livrar de um mosquito. — Como eu sempre disse, seu visual é perfeito para a televisão.

— Eu sou obrigado a concordar com Nate — Alvin acrescentou, piscando o olho. — Quer dizer, de que outra forma você conseguiria fazer mais sucesso do que eu com as mulheres, apesar de ter personalidade zero? — havia anos que Alvin e Jeremy andavam juntos pelos bares, atrás de garotas.

Jeremy soltou uma risada. Alvin Bernstein, cujo nome evocava um contador bem-apegoado, de óculos — um daqueles inúmeros profissionais que usavam sapatos Florsheim e levavam uma valise para o trabalho — não parecia um Alvin Bernstein. Quando era adolescente, ele tinha assistido Eddie Murphy em *Delirious* e decidira então fazer do couro-total seu próprio estilo, para horror de Melvin, seu pai, que usava sapatos Florsheim e carregava uma valise quando ia para o trabalho. Felizmente, o couro parecia combinar com suas tatuagens. Alvin achava que as tatuagens eram um reflexo de sua estética singular, e ele era singularmente estético em ambos os braços, até os espaldares dos ombros. Tudo isso complementava os múltiplos *piercings* nas orelhas de Alvin.

— Então, você ainda está pensando em fazer aquela viagem para o Sul, para investigar aquela história de fantasma? — Nate apertou o cerco. Jeremy podia sentir claramente a corda puxando e apertando dentro de sua cabeça. — Quer dizer, depois da sua entrevista para a *People*.

Jeremy tirou os cabelos escuros da frente dos olhos e fez um sinal pedindo outra cerveja para o *barman*. — Claro, acho que sim. Com *Primetime* ou sem *Primetime*, eu ainda tenho contas para pagar, e acho que poderia usar isso em minha coluna.

— Mas você vai manter contato, certo? Não vai fazer como daquela vez em que se infiltrou entre os “Justos e Sagrados”? — Ele estava se referindo a uma matéria de seis mil palavras que Jeremy havia feito para a *Vanity Fair* a respeito de um culto religioso; naquela ocasião, Jeremy tinha cortado basicamente toda a comunicação por um período de três meses.

— Eu mantereí contato — Jeremy disse. — Essa história não é tudo isso. Talvez eu saia de lá em menos de uma semana. “Luzes misteriosas no cemitério” não é grande coisa.

— Ei, por acaso você não vai precisar de um *cameraman*? — Alvin sugeriu.

Jeremy olhou para ele. — Por quê? Você está querendo ir junto?

— Claro. Pegar o inverno no Sul, talvez encontrar uma bela sulista simpática, enquanto você estiver concentrado no trabalho. Ouvi dizer que

as mulheres daquelas bandas deixam um homem louco, no bom sentido. Vai ser como tirar umas férias exóticas.

— Você não deveria estar filmando alguma coisa para *Law & Order* na semana que vem?

Por mais estranho que Alvin parecesse, sua reputação era impecável e seus serviços eram sempre muito requisitados.

— Claro, mas vou estar livre lá pro fim de semana — Alvin disse. — E olha só, se você está levando a sério esse negócio de televisão, do jeito que Nate disse que você deveria levar, seria bom ter imagens decentes dessas luzes misteriosas.

— Isso se acreditarmos que há alguma luz para filmar.

— Você vai começando o trabalho e me mantém informado. Eu vou deixar minha agenda em aberto.

— Mesmo que haja alguma luz, não é uma grande história — Jeremy avisou. — Ninguém da televisão vai se interessar por ela.

— Até o mês passado, talvez — disse Alvin. — Mas depois de terem visto você esta noite, eles vão se interessar. Você sabe como são as coisas na televisão — todos aqueles produtores correndo atrás do próprio rabo, tentando descobrir qual vai ser o próximo grande acontecimento. Se o *Good Morning America* ficar de repente muito em evidência, então você sabe que o *Today* não vai demorar a telefonar e o *Dateline* vai bater na sua porta. Nenhum produtor quer ficar de fora. É assim que eles perdem o emprego. A última coisa que eles querem é ter de explicar para os executivos porque é que perderam o barco. acredite — eu trabalho na televisão. Conheço essa gente.

— Ele tem razão — Nate falou, interrompendo a conversa. — Você nunca sabe o que vai acontecer, e talvez seja uma boa idéia planejar alguma coisa. Você definitivamente marcou presença esta noite. Não se faça de bobo. E se você puder conseguir alguma imagem dessas luzes, talvez seja exatamente o que o GMA ou o *Primetime* estão esperando para tomar uma decisão.

Jeremy lançou um olhar enviesado para seu agente. — Você está falando sério? Essa história não é nada. Eu só aceitei fazer porque precisava de uma folga depois do Clausen. Essa história, sim, tomou quatro meses da minha vida.

— E veja o que você conseguiu com ela — disse Nate, colocando a mão no ombro de Jeremy. — Talvez essa não seja uma grande matéria,

mas com imagens sensacionais e um bom pano de fundo, quem sabe o que a televisão vai achar?

Jeremy ficou em silêncio por um instante, antes de sacudir os ombros e dizer finalmente: — Está certo. — Ele olhou para Alvin. — Eu saio na terça. Veja se consegue estar lá na sexta. Eu telefono antes disso para passar os detalhes.

Alvin pegou sua cerveja e tomou um gole. — Por Deus! — ele disse, imitando um comediante bonachão. — Eu vou pra terra do torresmo e da polenta. E prometo que não vou cobrar caro.

Jeremy riu. — Você já esteve no Sul alguma vez?

— Não. E você?

— Eu já estive em Nova Orleans e em Atlanta — Jeremy admitiu. — Mas são cidades grandes, e cidades assim são praticamente iguais em qualquer parte. Para fazer esta matéria, vamos ter de ir para o Sul de verdade. Para uma cidadezinha da Carolina do Norte, um lugar chamado Boone Creek. Você devia ver o *website* da cidade. Fala das azaléias e cornisos que florescem em abril, e exhibe com orgulho uma foto do cidadão mais importante da cidade. Um cara chamado Norwood Jefferson.

— Quem?

— Um político. Ele fez parte do Senado Estadual da Carolina do Norte, de 1907 a 1916.

— Quem liga?

— Exatamente — Jeremy disse, com um aceno da cabeça. Olhando para o outro lado do bar, ele percebeu, desapontado, que a ruiva tinha sumido.

— Onde fica esse lugar exatamente?

— Entre o “meio do nada” e “onde é que nós estamos?”. Eu vou ficar num lugar chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara do Comércio descreve como um lugar pitoresco e rústico, embora moderno. Sabe lá o que isso quer dizer.

Alvin riu. — Isso está com cara de aventura.

— Não se preocupe com isso. Tenho certeza de que você vai se adaptar muito bem por lá.

— Você acha?

— Com certeza — Jeremy disse. — Eles provavelmente vão querer adotar você.